



Revista Brasileira de Geografia Física

Homepage: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgf>



Plantas de Poder em Quintais do Município de Vigia, Pará – Brasil¹

Ulliane de Oliveira Mesquita¹, Janaira Almeida Santos², Flávia Cristina Araújo Lucas³

¹ Mestra em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Graduada em Ciências Naturais (Licenciatura Plena com habilitação em Biologia) pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Professora da Educação Básica. ORCID: 0000-0003-3521-6592 - E-mail: ullianemesquita@hotmail.com

² Doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia pela Rede Bionorte - UFPA/BIONORTE. Mestra em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. ORCID: 0000-0003-0788-5713 - E-mail: janairaalmeida14@gmail.com

³ Doutora em Ciências Biológicas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA. Professora Adjunto IV na Universidade do Estado do Pará - UEPA. Curadora do Herbário MFS. Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva - MFS. ORCID: 0000-0002-0752-7206 - E-mail: copaldoc@yahoo.com.br

Artigo recebido em 08/02/2024 e aceito em 03/09/2024

RESUMO

Nos quintais, as plantas de poder apresentam funções que extrapolam o seu valor ornamental, desencadeando sensação de proteção e cura. O objetivo da presente pesquisa foi identificar o uso de plantas de poder e suas representações simbólicas em quintais do município de Vigia, Pará. A composição foi de 150 moradores e cinco especialistas. Entrevistas semiestruturadas, questionários do tipo escala de Likert e formulários coletaram dados das doenças culturais, as plantas de poder e a cura. Os conhecimentos com as plantas de poder variaram bastante e cerca de 65%, 60% e 72% dos entrevistados mostraram compreensão ou compreensão alta a respeito das doenças culturais, plantas e cura, respectivamente. A religião influenciou no grau de compreensão dos entrevistados. Os especialistas em cura demonstram estreito vínculo afetivo com as plantas utilizadas nos seus rituais. Embora com graus variados de domínio cultural, os participantes expressaram repertórios com as plantas de poder, as doenças culturais e a cura que revelam os significados destas cosmologias locais ainda no município.

Palavras-chave: Amazônia, Doenças culturais, Especialistas, Símbolos de cura.

Power Plants in Backyards in the Municipality of Vigia, Pará – Brazil

ABSTRACT

In backyards, power plants have functions that go beyond their ornamental value, triggering a feeling of protection and healing. The objective of this research was to identify the use of power plants and their symbolic representations in backyards in the municipality of Vigia, Pará. The composition was made up of 150 residents and five experts. Semi-structured interviews, Likert scale questionnaires and forms collected data on cultural illnesses, power plants and healing. Knowledge of power plants varied greatly and around 65%, 60% and 72% of respondents showed understanding or high understanding of cultural diseases, plants and healing, respectively. Religion influenced the degree of understanding of the interviewees. Healing specialists demonstrate a close emotional bond with the plants used in their rituals. Although with varying degrees of cultural dominance, the participants expressed repertoires with plants of power, cultural illnesses and cures that reveal the meanings of these local cosmologies still in the municipality.

Keywords: Amazon, Cultural diseases, Specialists, Healing symbols.

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada "Bioculturalidade em contexto amazônico: o uso terapêutico das plantas de poder", defendida por Ulliane de Oliveira Mesquita, na Universidade do Estado do Pará, sob orientação de Flávia Cristina Araújo Lucas e foi adaptado para submissão à Revista Brasileira de Geografia Física. Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

Introdução

As conexões com a natureza são uma parte intrínseca do cotidiano de muitos povos e comunidades tradicionais ao redor do mundo, e na Amazônia, essas conexões se manifestam de maneiras particularmente profundas e simbólicas. A relação entre os seres humanos e os recursos naturais, especialmente plantas e animais, vai muito além da simples utilidade material e assume um caráter ritualístico, medicinal e até espiritual. Isso é visível, por exemplo, nas práticas de cura tradicionais, onde plantas e outros elementos naturais são utilizados por pajés, curandeiros, parteiras e benzedores — figuras de autoridade espiritual e médica em suas comunidades, cuja sabedoria foi transmitida ao longo de gerações (Strachulski et al., 2021).

Na Amazônia, essa relação com o ambiente natural é uma forma de preservar a memória e a história das populações locais, sendo os elementos naturais frequentemente associados a divindades e forças espirituais. Essa visão holística do mundo, em que o humano e o natural são interdependentes, configura-se como uma forma de xamanismo, que se entrelaça com práticas religiosas e de cura (Galvão, 1976; Maués, 2002; Gomes e Lima, 2021).

A sabedoria tradicional sobre plantas de poder, como são chamadas aquelas que possuem propriedades simbólicas e medicinais, é uma parte fundamental dessa dinâmica. Essas plantas são reconhecidas por sua capacidade de intervir no corpo e no espírito, sendo usadas em rituais e terapias que ampliam a consciência e curam doenças (Mesquita et al., 2020). O termo "plantas de poder" é utilizado para descrever aquelas espécies que possibilitam ao ser humano transcender sua percepção comum e alcançar estados de cura e introspecção profunda (Labate; Goulart, 2005). O poder dessas plantas não se limita ao físico, mas abrange também uma dimensão espiritual e simbólica.

Os quintais, tanto nas zonas rurais quanto urbanas da Amazônia, são frequentemente os locais onde essas plantas são cultivadas e preservadas. Mais do que meros espaços agrícolas, os quintais são verdadeiros laboratórios de biodiversidade e cultura. Neles, plantas medicinais, ornamentais e alimentares coexistem em um arranjo que reflete a cosmovisão das populações que ali vivem. Para muitas dessas comunidades, o quintal é um espaço de cura, onde se encontram os recursos necessários para tratar doenças, alimentar a família e manter a conexão com o mundo natural (Lucas et al., 2017; Miranda et al., 2016). Além disso, os quintais desempenham um papel

fundamental na manutenção da agrobiodiversidade e no fortalecimento das economias locais, já que muitos desses produtos têm valor comercial, tanto no mercado local quanto nas cadeias produtivas mais amplas.

O município de Vigia, no Pará, com suas tradições profundamente enraizadas nas práticas culturais e religiosas, oferece um contexto ideal para o estudo das plantas de poder. A pajelança, forma de xamanismo caboclo que mistura elementos indígenas, africanos e europeus, é uma prática comum nessa região. Essa prática é descrita por Maués (2002) como uma adaptação local do xamanismo indígena, incorporando aspectos de outras religiões e crenças, como o catolicismo e o espiritismo kardecista. Essas práticas continuam a ser relevantes, especialmente em contextos rurais, onde o acesso à medicina convencional é limitado e as terapias tradicionais são amplamente utilizadas.

No entanto, as terapias tradicionais e as práticas de cura popular frequentemente entram em conflito com o sistema médico oficial, que é hegemônico e baseado em uma visão biomédica da saúde. A medicina oficial tende a dissociar a mente e o corpo, tratando o ser humano de maneira fragmentada e desconsiderando a dimensão espiritual das doenças. Em contraste, as terapias tradicionais buscam uma visão mais integrada do ser humano, reconhecendo a interdependência entre corpo, mente, espírito e ambiente (Quintana, 1999; Pereira et al., 2023). Essa divergência não é exclusiva do Brasil, mas ocorre também em outras partes do mundo. No Equador, por exemplo, a Constituição de 2008 reconheceu a medicina tradicional como uma parte integrante do sistema de saúde nacional, protegendo o direito das comunidades indígenas de praticarem suas terapias e valorizando o uso de plantas, animais e minerais em seus rituais de cura.

Essas práticas, em conjunto com as dinâmicas culturais e sociais das comunidades tradicionais, geram uma série de questões que são centrais para a presente pesquisa. Primeiro, é importante compreender quem são as pessoas que utilizam essas plantas de poder. Qual é o perfil socioeconômico, cultural e religioso daqueles que acreditam no poder curativo dessas plantas e participam de rituais de cura? Em segundo lugar, é necessário investigar os contextos em que essas plantas são utilizadas. Como as plantas de poder se inserem nas práticas culturais e religiosas das comunidades locais? E por fim, como os especialistas em cura — pajés, benzedores, curandeiros — utilizam essas plantas em seus tratamentos?

Este estudo tem como objetivo central

identificar o uso das plantas de poder e suas representações simbólicas nos quintais do município de Vigia, no Pará. A pesquisa busca, além disso, contribuir para a compreensão mais ampla das práticas culturais e religiosas associadas ao uso dessas plantas e suas interações com os sistemas de saúde oficiais. Diante da crescente globalização e das transformações no uso da terra e dos recursos naturais, as práticas tradicionais de cura, especialmente aquelas relacionadas ao uso das plantas, correm o risco de serem marginalizadas ou perdidas. Ao documentar essas práticas e compreender seu significado cultural, este estudo pretende contribuir para a preservação do patrimônio imaterial das comunidades tradicionais e para o fortalecimento das políticas públicas que valorizam a medicina tradicional e os saberes populares.

Assim sendo, a hipótese central deste estudo é que as plantas de poder cultivadas nos quintais das comunidades tradicionais de Vigia, no Pará, desempenham um papel fundamental tanto na manutenção de práticas culturais e religiosas, quanto na promoção da saúde física e espiritual dessas populações. Essa hipótese encontra respaldo em estudos recentes que ressaltam a importância das plantas medicinais para a saúde e o bem-estar em comunidades tradicionais, ao mesmo tempo em que destacam a vulnerabilidade dessas práticas diante das transformações socioambientais e do avanço de modelos biomédicos de saúde (Silva et al., 2022; Langdon, 2023).

A relação entre seres humanos e recursos naturais, especialmente plantas e animais, vai muito além da simples utilidade material e assume um caráter ritualístico, medicinal e espiritual. Estudos contemporâneos indicam que o uso de plantas de poder, como aquelas empregadas em terapias tradicionais, continua a ser uma prática essencial para a saúde física e espiritual em diversas culturas, mesmo em contextos urbanos (De Matos e Oliveira, 2021; Fernandes, 2023).

Além disso, o estudo considera os impactos ambientais e sociais das mudanças na organização dos quintais e nos sistemas de cultivo de plantas medicinais. Em muitas regiões, a pressão sobre os recursos naturais, o avanço da agricultura industrial e a urbanização descontrolada têm alterado drasticamente o modo de vida das populações tradicionais, comprometendo sua capacidade de manter seus quintais e praticar a agricultura de subsistência. Esses processos de mudança afetam diretamente a disponibilidade de plantas de poder e, conseqüentemente, a continuidade das práticas de cura tradicional (Bussmann et al., 2016; Da Costa et al., 2021).

Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

Portanto, a presente pesquisa se justifica não apenas pela relevância cultural do tema, mas também pela urgência de documentar e analisar essas práticas em um contexto de transformação social e ambiental. Ao examinar as práticas de uso de plantas de poder em Vigia, este estudo busca contribuir para a compreensão das complexas interações entre cultura, medicina e meio ambiente na Amazônia, e para o debate sobre o papel das terapias tradicionais em sociedades contemporâneas.

Material e métodos

Local da pesquisa

O município de Vigia de Nazaré, comumente chamado apenas de Vigia, foi fundado em 6 de janeiro de 1616 e está localizado na mesorregião do Nordeste Paraense, na microrregião do Salgado, a 77 km da capital do estado, Belém. O município cobre uma área de 539,079 km² e tem uma população estimada em 50.832 habitantes (IBGE, 2022). De acordo com Cordeiro (2021), a cidade foi fundada pelos colonizadores portugueses, tendo como donatário o fidalgo Jorge Gomes Alamo. Em 10 de outubro de 1652, tornou-se uma das mais antigas cidades da Amazônia, tendo o nome Vigia sido dado pelo próprio donatário. Até o final do século XIX, a lavoura era a principal economia, por meio da produção de açúcar, coco, café, cacau, farinha de mandioca, algodão, tabaco, anil e diversos tipos de frutas.

A economia de Vigia é predominantemente baseada na pesca. A atividade pesqueira é realizada tanto por pequenos barcos, conhecidos como vigilengas, que utilizam tarrafas, puçás e linhas de mão, quanto na pesca industrial, com a exportação de produtos beneficiados para outros continentes (Araujo et al., 2021).

Vigia é uma das áreas de colonização mais antigas da Amazônia e preserva construções seculares e modos de vida tradicionais herdados de diversos grupos humanos que residiram na região. A influência dos missionários europeus é visível na política e na religião local, especialmente por meio da catequização dos nativos e da construção de templos como as igrejas Madre de Deus e a Capela do Senhor dos Passos. O município também é conhecido por sua maior manifestação religiosa, o Círio de Nazaré, que atrai romeiros, turistas e comerciantes (Favacho, 2021).

Além dos elementos do catolicismo, Vigia mantém traços da ancestralidade de seus primeiros habitantes, os indígenas tupis. Os rituais mediúnicos tradicionais, conhecidos como pajelança cabocla, têm grande importância na vida

comunitária e se manifestam tanto nas áreas rurais quanto nos centros urbanos da cidade. A religiosidade local é uma fusão do catolicismo oficial e do popular, integrando práticas e saberes indígenas. Esse conjunto simbólico é significativo para as populações do interior da Amazônia, constituindo uma forma de culto e prática médica local.

Procedimentos éticos

Antes de iniciar a pesquisa visitas exploratórias ocorreram nos quintais dos moradores e essa etapa foi importante para a apresentação do projeto e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) baseado no item IV.1 da Resolução Nº 466/12. Após isso, o projeto foi cadastrado na plataforma Brasil e recebendo parecer aprovadosob o número 2.841.491. Também houve cadastro junto ao SISGEN (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado) e ao SISBIO (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade), de acordo com os termos da Lei nº 13.123/2015.

Coleta de dados

A amostra foi determinada por amostragem probabilística do tipo estratificada, conforme Albuquerque et al. (2010). O tamanho da amostra foi calculado para um intervalo de confiança de 8%, utilizando as fórmulas:

$$n_0 = \frac{1}{(E_0)^2} \quad n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$$

Onde n_0 é o tamanho provisório da amostra, E_0 é o erro amostral, n é o tamanho final da amostra e N é o tamanho da população (Barbeta, 2008). O cálculo resultou em aproximadamente 150 participantes, correspondendo ao número de questionários aplicados.

A coleta de dados foi realizada em 10 bairros: Centro, Vila Nova, Castanheira, Arapiranga, Santa Rosa, Santa Rita, Siqueira, Amparo, Novo Horizonte e Sol Nascente. Em cada bairro, foram identificadas e mapeadas as ruas e residências a serem visitadas.

Inicialmente, foi realizado um levantamento quantitativo do perfil dos 150 entrevistados que utilizam e/ou acreditam na eficácia das plantas de poder. Para isso, foi elaborado um questionário baseado na escala de Likert (Likert, 1932; Canto de Gante et al., 2020) composto por três blocos de afirmações: doenças culturais, as plantas ritualísticas e a cura. Cada afirmação ofereceu cinco opções de resposta: total e parcial concordância, total e parcial discordância,

além de uma opção indiferente.

Informações adicionais foram obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas com cinco especialistas locais em plantas de poder, indicados por moradores da cidade. As entrevistas incluíram questões fechadas (closed-ended) e abertas (open-ended), com registro de anotações em caderno de campo, gravações e fotografias dos quintais, das plantas e das entrevistas. Utilizou-se a técnica de "turnê guiada" (Albuquerque et al., 2010), permitindo a observação das plantas in loco e, quando permitido, a coleta de material botânico.

As amostras botânicas foram coletadas, herborizadas (Martins-da-Silva, 2014) e incorporadas à coleção temática "Plantas Terapêuticas" do Herbário (MFS) Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva da Universidade do Estado do Pará. A identificação das amostras foi realizada por meio de consultas à plataforma speciesLink e comparação com exsicatas do herbário MFS.

Análise de dados

A definição de zona urbana e rural se baseou-se na autodeclaração do entrevistado, que ao preencher o questionário, escolheu, conforme seu entendimento de localização e modo de vida, se sua residência se inseria em uma zona rural ou urbana de Vigia.

A distinção entre zonas rural e urbana pode ser complexa e imprecisa, mesmo para instituições demográficas. Abramovay (2000) aponta que não há uma definição universalmente aceita para caracterizar o meio rural, mas dois critérios principais podem ser considerados: proximidade de áreas de vegetação e recursos naturais e baixa densidade populacional.

Na zona rural de Vigia, essas características são evidentes pelo espaçamento entre as moradias, a presença de vegetação como frutíferas (caju, açaí, manga, goiaba, acerola) e a criação de animais como galinhas, patos e porcos. Além disso, a distância geográfica contribui para dificuldades no acesso a serviços de saneamento básico e saúde.

Após a coleta e tabulação dos dados dos questionários, cada resposta foi convertida em uma média para avaliar a compreensão geral dos entrevistados sobre doenças culturais, plantas e cura. Essa média foi usada para classificar o grau de compreensão dos participantes, conforme a metodologia adaptada de Bertolini (2004) e Brandalise (2008). A classificação foi feita com base nos seguintes intervalos de pontuação:

Tabela 1 - Grau de compreensão geral dos entrevistados sobre os blocos de afirmações referentes às doenças culturais, as plantas e a cura.

Grau de compreensão		Score obtido a partir da média de todas as afirmações
A)	Possui alta compreensão	Entre 8,0 e 10
B)	Possui compreensão	Entre 6,0 e 7,9
C)	Possui potenciais traços de compreensão	Entre 4,0 a 5,9
D)	Possui poucos traços de compreensão	Entre 3,0 e 3,9
E)	Não possui compreensão	2,9

Fonte: Adaptado de Brandalise (2008).

Para testar as diferenças no nível de conhecimento entre grupos (por sexo, local de moradia e origem), foram aplicados modelos paramétricos de análise de variância, como o Teste t e a ANOVA. Quando os pressupostos desses modelos não foram atendidos (como amostras independentes, homogeneidade das variâncias e normalidade dos resíduos), foram utilizados testes não paramétricos equivalentes, como Mann-Whitney e Kruskal-Wallis (Okoye e Hosseini 2024).

Para examinar a correlação entre o nível de conhecimento e variáveis contínuas, como idade e anos de escolaridade dos entrevistados, foi utilizada a Correlação de Pearson. Os testes foram realizados com o auxílio do programa PAST versão 3.18 (Hammer et al., 2001), considerando um nível de significância (p) de 0,05.

Na análise qualitativa, foram interpretadas as informações dos formulários, caderno de campo, transcrições das gravações, falas espontâneas e fotografias (Albuquerque et al., 2010; Minayo et al., 2011). A compreensão das opiniões e esclarecimentos dos entrevistados foi desenvolvida com base nas percepções e construções cognitivas dos próprios pesquisadores

Resultados e discussão

Os especialistas da arte de curar

Os especialistas deste estudo são quatro mulheres e um homem, profundos conhecedores das plantas de poder e devotos da crença em seres sobrenaturais e do trabalho de cura junto a essas entidades. São pessoas na faixa etária entre 31 e 65 anos, com ocupações de autônomos e donas de casa, e conhecidos por nomes como mãe e pai de santo, benzedeira, curandeira, mulher que conhece as ervas, ou pelo nome próprio. Eles são reconhecidos por sua identidade ligada ao uso de plantas em rituais de pajelança, sendo respeitados e valorizados por essas práticas. Três deles declararam pertencer à Umbanda e dois à religião católica, atuando como pai e mães de santo na Umbanda.

Estudos recentes, como os de Araújo et al. (2023), reforçam a importância das práticas tradicionais de cura na região amazônica, destacando como esses conhecimentos são fundamentais para a saúde e a coesão social das comunidades locais. Esses especialistas, com sua vasta experiência e conhecimento, exemplificam como as tradições de cura e crenças associadas se mantêm vivas e são adaptadas às necessidades contemporâneas.

A crença nos seres encantados é uma característica marcante nas narrativas dos moradores de Vigia. As histórias sobre o boto, matinta pereira e outros espíritos da floresta e das águas são amplamente compartilhadas e reverberam em diversas práticas culturais. A experiência relatada por uma senhora, que descreveu um encontro com um boto e a

subsequente adoção da erva tajá (*Agave* sp.) para afastar o espírito, ilustra a conexão entre crenças místicas e práticas de cura. Domingues (2021) explora como essas crenças são usadas para explicar fenômenos naturais e sociais, reforçando a relevância das práticas de cura tradicionais e a integração com a percepção cultural da saúde.

A continuidade das narrativas sobre seres encantados, conforme descrito por Galvão (1976) e Santos (2017), demonstra como essas histórias moldam a percepção de saúde e doença nas comunidades ribeirinhas. Maués (2002) discute a formação da identidade regional através dessas crenças, que permanecem conectadas com festas tradicionais como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Essas cosmologias formam uma parte vital do imaginário popular, proporcionando um meio de reavivar a memória local e os laços de pertença ao ambiente.

Nas casas visitadas, os especialistas reservam locais específicos para cerimônias e orações, decorados com quadros e esculturas de santos católicos e orixás, vinhos e cachaça, ramos de ervas, amuletos, velas e flores. Esses itens não só completam os rituais, mas também carregam uma linguagem simbólica de respeito e seriedade na prática mística e na interpretação das doenças dos pacientes. Mosquera (2015) interpreta esses altares como narrativas simbólicas e estéticas, enquanto Rosendhal (2002) compara esses espaços a campos de forças que transportam o ser para um meio distinto do cotidiano. Esses ambientes cerimoniais ajudam a construir uma compreensão mais profunda das práticas culturais e religiosas, enfatizando a importância de espaços dedicados ao sagrado e ao simbólico na cultura amazônica (Barros e Sagica, 2021).

Essas práticas de cura, que unem conhecimento tradicional e novas perspectivas acadêmicas, destacam a resiliência cultural e a continuidade das tradições amazônicas. A integração entre o saber popular e as abordagens científicas ressalta a importância de preservar e valorizar essas práticas tanto na pesquisa quanto nas políticas públicas voltadas para a saúde e a cultura na região amazônica.

A biografia das pessoas que tratam

A mais idosa dos especialistas é uma senhora *Dona Costa*, de 65 anos, de olhar acolhedor, atua em atendimentos de cura desde os nove anos de idade. Possui o ensino fundamental incompleto e a isto associa a sua dificuldade para a leitura, apesar de saber escrever seu nome. É casada com um pescador e é mãe de doze filhos, mas atualmente mora apenas com dois, pois os

Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

outros construíram família e se mudaram para outros municípios do Pará. Sua fonte de renda é o salário do marido e as retribuições que recebe de seus pacientes, embora não cobre por seus serviços. O dom de curar foi despertado aos sete anos, quando sua mãe a levou ao município de Bragança, e lá, um senhor curador percebeu seu talento natural e orientou que deveria ser preparada para seguir sua missão. Após o falecimento da mãe, ela ainda criança passou por vários sofrimentos, sendo discriminada por parentes e pelo próprio pai que não aceitavam o seu dom.

Dona Costa já recebeu em média mais de 300 pessoas entre adultos e crianças, homens e mulheres. Sua rotina de atendimentos é diária e muitas pessoas solicitam ajuda para benzer crianças, receitar banhos de ervas e orientar na vida pessoal e profissional. Em seu terreiro (salão) de Umbanda, esta senhora busca caminhos para o enfrentamento de sofrimentos e por isso alcançou grande público que fidelizou o atendimento no bairro do Sol Nascente e de outras partes do município de Vigia.

Outra senhora, *Dona Vilhena*, de 60 anos, descobriu seu “Dom” durante a adolescência e há mais de 40 anos trabalha com sessões de cura em sua residência e nos terreiros de Umbanda. De um estilo jovial, tem cabelos loiros e gosta de roupas coloridas. Possui o ensino superior completo e busca novos conhecimentos sobre as ervas e banhos, costuma pesquisar em revistas e livros. Residente do bairro Centro e é funcionária da rede pública de ensino. Atender cerca de quatro pacientes ao longo do dia, e reconhece possuir o carinho e respeito de seus vizinhos. Na frente da casa desta senhora há várias plantas que, segundo ela, são de sua proteção.

Dona N. (sobrenome não informado,) tem 54 anos de idade, é casada, mãe de três filhos e avó; estudou até o segundo ano do fundamental, e mora no bairro Centro. É católica e atende em média quatro pessoas por dia em sua residência. Aprendeu as receitas com o uso de plantas com a avó e desde então desenvolve sozinha trabalhos de cura. Revelou que é apoiada por espíritos que a guiam e que a protegem; para ela é por meio de oração e do uso dos remédios da terra que consegue curar seus pacientes. Nos atendimentos que realiza faz uso de cigarros, banhos e chás de plantas que cultivava no quintal de casa ou compra em lojas de produtos naturais.

Dona Souza é uma jovem senhora de 36 anos de idade, divorciada e mãe de três filhos. Possui o ensino médio completo e trabalha em uma empresa. Frequentava a igreja católica desde criança, até que um dia, não sabe lembrar a idade, começou a se sentir *diferente* espiritualmente;

sonhava sempre com as mesmas pessoas (que não conhecia), e depois percebeu que estas “pessoas” eram seus guias de orientação espiritual. Nesse período de descobertas, procurou um centro de Umbanda e buscou ajuda para compreender o significado de tanats transformações de vida. Atualmente, participa como filha de santo, recebendo entidades e encantados durante os rituais. Em sua residência cultiva várias plantas aromáticas como o alecrim do campo, pau de angola e erva cidreira; e mantém um altar ao fundo do quintal dedicado ao seu guia protetor. Neste local sagrado que ela ora, clama e pede discernimento e proteção aos seres de luz. Durante as comemorações dos aprovados em vestibulares das principais universidades do estado, ela recebe a visita de muitos jovens para que prepare banhos atrativos de boas energias para os futuros calouros. Não lembra quantas pessoas já foram curadas por suas preces e tratamentos, mas sempre se dispõem a auxiliar aqueles que a procuram.

O outro especialista, *Seu Oliveira*, tem 31 anos de idade e pai de dois filhos. Possui o ensino médio incompleto e trabalha como porteiro. Percebeu aos onze anos que tinha vocação para curar e acredita ter curado mais de 50 pessoas nesse tempo de atendimentos. Declara sentir-se contente em ajudar ao próximo e se dedica com devoção e seriedade e não exige pagamentos em troca. É muito procurado na comunidade, principalmente ajudando a afastar energias negativas e espíritos malignos; e para benzer e solucionar problemas financeiros e interpessoais. Sua família o encoraja a permanecer nesta prática benevolente e colaboram no trabalho preparando os banhos, coletando as plantas e as receitas.

Origem do dom da cura

O aprendizado dos métodos curativos e das ritualísticas executados por essas pessoas se originou informalmente, em uma linha do tempo que não esclarece o dia em que tudo começou. Como um percurso processual, outros estímulos foram aguçados aos poucos, propiciados por comunicações com guias, anjos e espíritos de cura que atuam em nome de Deus, numa função purificadora e revelatória na realização terapêutica. Alguns afirmaram que ainda crianças receberam “o Dom”. Um dos especialistas contou que aprendeu com seu irmão a manipular e recomendar as ervas adequadas a quem necessitada de alguma ajuda, bem como a proferir as orações e a conduzir os trabalhos de cura na Umbanda. Embora seja grato ao irmão pelos conhecimentos repassados, este especialista conta prioritariamente com a ajuda de seu guia patrono (que é um espírito de luz) que o orienta para proporcionar a cura a todos que o *Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.*

recorrem. Segundo ele, o guia monta em sua coroa (entra em sua cabeça) e usa seu corpo como instrumento para que fale aos humanos e oriente-os.

Outros especialistas aprimoraram suas habilidades após longos períodos de sofrimento na vida, tanto nas relações interpessoais ou por motivos de doenças. Uma senhora precisou ficar cega do olho esquerdo e incapacitada de andar temporariamente para só então aceitar o “Dom” recebido. O marido rejeitava esta habilidade natural e para agradá-lo ela mantinha-se em silêncio. Diante disso, sua guia lançou a flecha que a cegou para que ela entendesse o destino a ser cumprido. Após a superação dos problemas, esses especialistas reconheceram suas capacidades para rezar, benzer, e aderiram à missão de auxiliar pessoas no mundo como os seus parentes, vizinhos e irmãos de fé.

Esta condição de infortúnio, a ser superada no caminho da aceitação do Dom, foi tratada por Nunes Cabral (2022) como a transformação do indivíduo em xamã, uma vez que o evento infeliz poderia ser interpretado como o sinal místico que revelaria a pessoa escolhida pelos deuses para tornar-se um curador. Segundo este autor, em seu processo de iniciação, o xamã, passa por três fases: o sofrimento, a morte e o renascimento. Ao sobreviverem à dor “sofrimento” e aprenderem a lidar com ela, os especialistas de Vigia conseguiram vencer a “morte” e “renascer” para uma nova vida.

Conceder às entidades sobrenaturais o mérito da experiência que possuem foi marcante na vida destes especialistas, pois a todo o momento reiteravam que não eram eles os autores e criadores das receitas, mas seus guias incorporados. Inclusive, seus ajudantes anotam as receitas proferidas pelos espíritos durante os rituais para que nenhuma informação seja perdida em momento de transe, haja vista que ao fim do trabalho de cura não há lembranças dos fatos ocorridos. O aprendizado oriundo do transe e da incorporação independe de formação escolar, é um processo ágrafo, sendo estimulado por sentidos aguçados nas experimentações das receitas, dosagens e indicações de usos específicas no restabelecimento da saúde.

Relação dos especialistas com as plantas de poder

Portadoras de grandes virtudes, as plantas se tornaram para todos os conhecedores locais uma peculiaridade da vida social e religiosa; são mantenedoras de segredos e poderes e, por isso, os “pacientes”, sempre esperam os “medicamentos” a base de plantas nos seus tratamentos. A relação “curador” e “paciente” é bastante comum neste tipo

de terapia e as plantas funcionam como o intermédio que garante a conexão e consolida o sucesso no tratamento. Em uma intrincada relação, as plantas terminam por se tornar um membro da família, sendo respeitadas e até veneradas; costuma-se pedir licença ao se retirar qualquer uma de suas partes, e faltar ao respeito implica expor-se a infortúnios e punições.

As plantas foram localizadas em espaços diferentes: nos quintais domiciliares; jiraus; em vasos dentro e fora das residências; no terreno da família, ou na floresta. As que ficam próximas das residências possuem dias especiais para serem manejadas, como nas quartas e sextas-feiras, onde pois recebem tratamentos especiais que incluem a aplicação de cachaça, sal grosso, amoníaco, além de água em suas raízes. Tal procedimento tem a função de dar força ao vegetal e manter sua vitalidade, pois estes serão usados nos remédios e banhos de descarrego. Plantas como a espada de São Jorge, espada (chicote) de Ogum, espada de Joana D'arc, comigo ninguém pode, tajá e tamaquarés são símbolos de proteção das casas visitadas e costumam ser associados às entidades espirituais de religiões de matrizes africanas.

Formatos, cores e comportamentos de partes das plantas transfiguram-se em representações e simbolismos neste mundo mágico-religioso. A erva pena verde (Figura 1) corresponde a figura de um índio; as folhas em formato de espadas e lanças equivalem a caboclas (que são guias), são as mulheres conhecidas como as “irmãs encantadas” denominadas Mariana, Herondina, Jarina e o santo São Jorge (retrata o orixá Ogum) que guardava os lares contra as más energias. Plantas a exemplo dos tajás amazônicos de acordo com Cascudo (1967, p. 56) estão entre as ervas que atuam como amuletos protetores, conforme exposto pelo autor: “*Na Amazônia, os Tajás (Caladios, Aráceas) desempenham incontáveis ocupações em serviço da sociedade. Guardam a casa, defendem-na dos ladrões, dos invejosos, dos falsos- amigos, garantindo o sono de seus fiéis. Dão fortuna, amores, êxitos*”.



Figura 1: Erva pena verde em quintal

Os quintais exteriorizam a função dupla de repositório de biodiversidade e manifestação litúrgica com as plantas; sendo nativas do Brasil, naturalizadas e exóticas interpenetram-se no *corpus* da religiosidade praticada pelos especialistas com a finalidade de servir como elo entre o físico e o espiritual, entre deuses, curadores e enfermos; e entre o transcendente e o humano. Nas áreas cultivadas, as plantas são elementos de adoração e podem remeter a uma memória ancestral, onde a natureza está contida de maneira indissociável (Barros, 2015).

Raízes, cascas, folhas, flores, frutos e sementes são transsignificados à medida que expressam algo além do sentido natural e orgânico, como um ser biológico; passam ao patamar de criações culturais da mente humana e de representações de divindades protetoras (Rubem e Costa, 2023). Isso foi perceptível quando os entrevistados creditavam às plantas o papel de defensoras de suas residências, incumbiam valores além da função estético-decorativa. Estas conexões com os símbolos vegetais se idealizam no que Eliade (2008) classifica como ligação mística entre plantas e seres humanos, onde as árvores antropogênicas servem tais como receptáculo de almas dos antepassados.

Os banhos preparados pelos especialistas têm a finalidade de para atrair forças protetoras para o bem estar e saúde, e estes, na maioria das vezes, são acompanhados por benzeção. Verger (1997) e Souza et al., (2023) qualificam o uso ritual das ervas nas tradições brasileiras africanas como um vínculo cultural ao orixá Ossain, uma vez que esta divindade é o senhor das virtudes das folhas sagradas, sendo indispensável invocá-lo durante os preparados botânicos. Paracelso (1981) ressalta-se ainda, que nas etapas de manipulação do vegetal ocorre uma transmutação e o poder da planta é obtido por meio da transformação de sua segunda matéria (o ser botânico com caule, folhas etc.) em sua matéria primitiva, o seu espírito, e este último é o ativador da cura. É um "rito de transferência" e na planta será depositada a doença que afeta o enfermo e Dona N. comenta o poder protetor das plantas “*é sempre bom ter planta ou “bicho” dentro de casa, pois “tudo de ruim” que as pessoas da rua lhe atirar esses indivíduos seguram, vai para eles e não para o pessoal da casa, eles são escudos vivos*”

Com a realização das visitas aos quintais de Vigia, foram identificadas 22 espécies de plantas distribuídas em 10 famílias botânicas. Desse total, quatro (espada de São Jorge, espada de Joana D'arc, comigo ninguém pode e arruda) foram as mais citadas pelos especialistas (Tabela 2).

Tabela 2: Plantas indicadas pelos especialistas de Vigia.

Etnoespécie	Hábito	Família/Nome científico	Origem	Indicação	Forma de emprego	Parte utilizada
Alecrim do campo	Arbusto	Lamiaceae/ <i>Vitex agnus-castus</i> L.	Naturalizada Mediterrâneo	Atrativo do amor	Banho	Folha
Arruda	Erva	Rutaceae / <i>Ruta graveolens</i> L.	Exótica Europa	Atrativo/Benzer/puxar barriga/rasgadura/Proteção/Limpar o corpo/ afastar	Tópico/Banho	Folha/Planta toda
Cabí	Liana	Malpighiaceae / <i>Banisteriopsis</i> C.B.Rob. ex Small	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Energia negativa/Descarrego	Amuleto/Banho	Planta toda Folha
Catinga de mulata	Erva	Lamiaceae / <i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng	Exótica África	Atrativo/Benzer/puxar barriga/rasgadura	Tópico/Banho	Planta toda
Cipó d'alho	Liana	Bignoniaceae/ <i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A. H. Gentry	Nativa Amazônia	Limpar o corpo, afastar energia negativa	Banho	Folha
Comigo ninguém pode	Erva	Araceae <i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Proteção/Quebranto/Mau olhado/Bruxaria	Amuleto	Planta toda
Espada de são jorge	Erva	Asparagaceae / <i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Exótica África e Oceania	Proteção/Quebranto/Mau olhado/Bruxaria	Amuleto	Planta toda
Espada de joana d'arc	Erva	Asparagaceae / <i>Sansevieria</i> Thunb.	Exótica África e Oceania	Proteção/Quebranto/Mau olhado/Bruxaria	Amuleto	Planta toda
Espada (Chicote) de ogum	Erva	Asparagaceae / <i>Sansevieria</i> Thunb.	Exótica África e Oceania	Proteção/Quebranto/Mau olhado/Bruxaria	Amuleto	Planta toda

Hortelanzinho	Erva	Lamiaceae / <i>Mentha</i> L.	Naturalizada Europa e Ásia	Benzer/puxar barriga/rasgadura	Tópico	Planta toda
Hortelã grande	Erva	Lamiaceae / <i>Mentha</i> L.	Naturalizada Europa e Ásia	Benzer/puxar barriga/rasgadura	Tópico	Folha
Japana	Erva	Asteraceae <i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King e H.Rob.	Nativa Amazônia	Limpar o corpo	Banho	Folha
Manjerição	Arbusto	Lamiaceae / <i>Ocimum</i> sp.	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Benzer	Tópico	Folha
Mucuracaá (tipi)	Erva	Phytolaccaceae / <i>Petiveria alliacea</i> L.	Naturalizada América tropical	Limpar o corpo, afastar energia negativa	Banho	Folha
Pau de angola	Arbusto	Piperaceae / <i>Piper</i> L.	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Abrir caminho/Quebranto	Banho	Folha
Pena verde	Erva	-	-	Proteção	Amuleto	Planta toda
Pião pajé	Arbusto	Euphorbiaceae / <i>Jatropha podagrica</i> Hook.	-	Descarrego	Banho	Planta toda
Pião roxo	Arbusto	Euphorbiaceae / <i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Nativa Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica	Abrir caminho/Quebranto	Banho	Folha
Tamaquaré fêmea	Erva	Araceae / <i>Philodendron</i> Schott	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Proteção	Amuleto	Planta toda
Tamaquaré macho	Erva	Araceae / <i>Philodendron</i> Schott	Nativa Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Proteção	Amuleto	Planta toda
Tajá	Erva	Asparagaceae / <i>Agave</i> L.	Naturalizada México	Contra panemeira/Afastar boto	Amuleto	Planta toda

Fonte: Autores.

Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

Plantas com folhas em formato de espadas e lanças, plantas pertencentes ao gênero *Sansevieria* Thunb. e originárias da África e Oceania. São ervas perenes, que podem atingir 1m de altura. As folhas são em formato de lança suculentas e de coloração verde claro com manchas transversais verde escuro. A inflorescência possui fores de cor branco-amarelada (Lorenzi; Matos, 2008).

Comigo ninguém pode é uma erva nativa do Brasil, bastante empregada em ornamentação como observado por Ferreira e Tavares-Martins (2017) em estudo etnobotânico na Ilha do Mosqueiro (Pará); nesta localidade a planta além de conceder embelezamento aos quintais, servia no preparo de banhos para expurgo de energias negativas do corpo e proteção contra males populares, dentre estes a inveja e o olho gordo.

A arruda é uma erva de folhas compostas, aromáticas, de coloração verde azulada; as flores estão dispostas na porção terminal dos ramos, são pequenas e de cor amarela (Lorenzi; Matos, 2008). É originária da região mediterrânea da Europa, e foi introduzida no Brasil durante o período colonial por africanos (Almeida, 2011). Segundo esta autora, havia-se o costume de usar um ramo da planta atrás da orelha para a defesa.

As ervas supracitadas fazem parte de composições já consagradas com as plantas detentoras de poder, para tratar, proteger e enfrentar “perturbações”. Em uma das residências visitadas, a moradora plantou várias no mesmo vaso, juntando alecrim, alfavaca, arruda, espada de São Jorge, comigo ninguém pode, alfavaca e manjerição com a finalidade de espantar “coisas” ruins, do mal e que possam prejudicar a vida da casa e do trabalho (Melo et al., 2021). A arruda, além de proteger os ambientes, é empregada em banhos de descarrego e pode ter suas fibras extraídas do caule e raízes destinadas à confecção de figas e amuletos que neutralizam feitiços, quebrantos e mau olhado; também estão presentes nas defumações do ambiente.

Diante destas observações verificou-se que cada planta tem uma função mágico-terapêuticas na obtenção da cura, podendo ser empregadas em momentos diferentes, ou em sinergias, ou em preparações variadas. Por exemplo, a arruda e catinga de mulata são manipuladas em banhos e em benzeções, por meio gestual; o cabí tem ação como amuleto de proteção da casa e também em banhos (Tabela 2). Esse perfil de funções destinadas às plantas revela não apenas a busca da saúde orgânica, quando seus compostos bioativos atuam no corpo através dos banhos de limpeza ou durante o manuseio de um ramo no ato de benzer, mas também se manifestam como entidades que levam a saúde espiritual, guardando as propriedades dos

Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

seres que habitam as plantas. Nestas distintas formas, há o componente da fé que acompanha os especialistas em suas manipulações, pois nas plantas, eles depositam a confiança de zelar pela integridade das vidas que precisam de ajuda (Silva et al., 2022).

Esta conexão das pessoas com o universo botânico revela aspectos ecológicos fundamentais na perpetuação desse recurso, no manejo da biodiversidade, nas necessidades culturais e espirituais atreladas nesta inter-relação, enfim, as espécies vegetais estão nessas construções sociais.

Práticas bioculturais reveladas neste estudo traduzem-se em importantes sistemas de conservação de patrimônio genético, estando condizente com as metas governamentais que objetivam proteger saberes, inovações e práticas de povos indígenas e comunidades, incluindo o uso de plantas terapêuticas de estimado valor sócio-cultural que servem como bens de provisão e serviços para as populações, a qual equivale a meta cinco da Estratégia Global de Conservação das Plantas (GSPC), um dos compromissos adotados pela Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) (CDB, 2010).

Reconhecimento na comunidade

O *status* social diferenciado que os curadores ocupavam no âmbito de suas comunidades se dava não apenas pela expertise que possuíam, mas também na conduta moral que externalizavam em seus comportamentos. São pessoas que vivem humildemente, benevolentes e se doam pelo próximo. A seguir, trecho de uma especialista: “*Chega gente na minha porta de noite para mim socorrer e graças a Deus dá certo, eu tenho orgulho do que eu faço para os outros que é sentirem bem*”. (N. 65 anos.).

São pessoas procuradas com frequência diária ou semanal e as “doenças” tratadas têm origens diversas: orgânicas, feridas simbólicas (que consiste em rejeições e ataques verbais), inquietações etc.. São realizadas conversas terapêuticas, de revelações e de vidência, com previsões sobre a vida futura; ou conselhos na tomada de decisões importantes. Segundo Cruz (2021), não é suficiente que o especialista apenas se reconheça em sua função; é necessário que ele seja validado por toda a comunidade com a qual convive diariamente. São indivíduos cujas ações se tornam visíveis e ganham destaque entre os vizinhos, conquistando espaço e respeito dentro do ambiente comunitário.

Doenças culturais como quebranto, panemeira, rasgadura, espinhela caída que estão

entre as mais frequentes apresentaram-se como reflexo de emanações energéticas negativas as quais os pacientes estavam expostos e que desencadeavam desordens de caráter orgânico vinculadas a sistemas corporais como digestivo, nervoso, imunológico; e que podem ser categorizadas em ME05.1 Diarreia (diarreia), MG26 - Febre de outra origem ou origem desconhecida (Febre), MG22 - Fadiga (fraqueza), MD81 - Dor abdominal ou pélvica (dor de estômago), MB6Y - Outros sintomas ou sinais especificados que envolvem o sistema nervoso (dor de cabeça e no corpo); de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID 11 (OMS, 2018). Tais afecções acometem grande número de pacientes.

A figura do curador, na Amazônia, é desempenhada por homens e mulheres que possuem a capacidade para auxiliar no enfrentamento de doenças culturais; são benzedeiros, parteiras, puxadeiras, pajés, entre outras denominações, que compõem o tecido social desta região. Albuquerque e Faro (2012), na Ilha do Marajó/PA, na pajelança cabocla das mulheres pajés; Júnior e Neves (2013), em Parintins/AM, com benzedeiros mantenedoras da saúde local que ressignificam a medicina tradicional local; Fleischer (2007) discutiu as habilidades das parteiras na cidade de Melgaço/PA atuando na saúde gineco-obstétrica das gestantes.

Para Meira (2018) a erudição destes conhecimentos de cuidado com o outro conferem à benzedores, raizeiras, povos das florestas e das águas, povos indígenas, adeptos de religiões de matrizes africanas etc., em patrimônio brasileiro imaterial e imensurável; atuaram de forma hegemônica no sistema de cura no Brasil até meados do século XVIII. E, mesmo diante de modernizações na medicina oficial, os procedimentos de defumação, costuras, simpatias, orações, benzimentos, ainda se fazem presentes.

A relevância de tais saberes foi reconhecida até mesmo por organizações internacionais como a UNESCO (Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) na Convenção de Paris no ano de 2005, durante a 32ª sessão da Conferência Geral, que estabeleceu a proteção da diversidade das representações culturais, que define esses conhecimentos e práticas como patrimônio imaterial cultural. Esta convenção foi promulgada posteriormente no Brasil pelo Decreto 6.177, de 1º de agosto de 2007 (NETO, 2007). A Organização Mundial da Saúde que destacou “*A medicina tradicional vem sendo utilizada há séculos, e seus praticantes têm contribuído enormemente para a saúde humana, particularmente, como provedores de atenção primária da saúde no nível da comunidade*” (OMS, 2002).

Abordagem quantitativa

Os conhecimentos com as plantas de poder variaram bastante dentro do universo amostral (150 pessoas). A maioria dos entrevistados mostrou compreensão ou compreensão alta acerca das doenças culturais (65%), plantas (60%) e cura (72%). Apenas 9% não possuem percepção acerca de doenças culturais, 7% não desenvolvem ligação com as plantas de poder e 4% demonstraram não possuir ciência em relação a cura. Não houve diferença significativa do nível de compreensão sobre as doenças culturais, plantas e a cura entre homens e mulheres; bem como independeu do número de anos na escola e não esteve correlacionado com a idade (Tabela 3).

Os dados indicaram que as doenças culturais e as possíveis formas de tratá-las são conhecidas por mais de 90% dos entrevistados, mesmo entre aqueles de menor idade e com maior instrução escolar. Embora com graus variados de domínio para as questões propostas, os repertórios a respeito de cosmologias locais ainda estão expressivos.

Tabela 3: Análises estatísticas (valor do teste e nível de significância) evidenciando as diferenças e relações entre os valores de conhecimento e as variáveis socioeconômicas dos entrevistados (U – Mann Whitney; H – Kruskal wallis; r – Correlação de Person).

	Doenças culturais	Plantas de poder	Cura
Gênero	U=961,5 p=0,7	U=978,5 p=0,83	U=987 p=0,87
Idade	r=0,10 p=0,21	r=0,11 p=0,17	r=0,04 p=0,62
Escolaridade (número de anos na escola)	r=0,01 p=0,86	r= -0,02 p=0,79	r=-0,01 p=0,97
Local de Moradia (urbano e rural)	U=2012 p=0,22	U=1767 p=0,02*	U=1797 p=0,03*
Município de origem (nascimento)	U=2610 p=0,64	U=2875 p=0,55	U=2760 p=0,30
Religião	H=20.34 p=0.001*	H=17.05 p< 0.005*	H=16.05 p< 0.005*

*apresentam diferença significativa.

Não houve diferença significativa no tocante às doenças culturais entre os moradores da zona rural e urbana (Figura 2). No entanto, a compreensão a respeito das plantas e da cura foi expressivamente maior na zona rural (Figura 3).

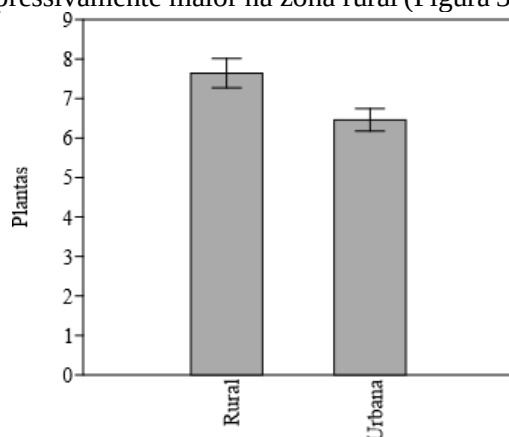


Figura 2. Diferença em relação ao conhecimento sobre as plantas entre residentes da zona rural e urbana do município de Vigia. Fonte: Autores.

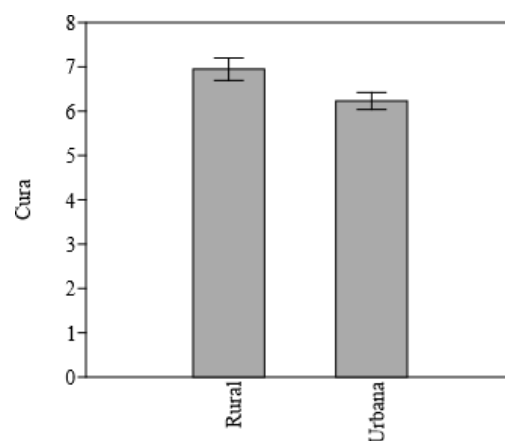


Figura 3. Diferença quanto ao conhecimento sobre a cura entre residentes da zona rural e urbana do município de Vigia. Fonte: Autores.

Acredita-se que a falta de uma área de cultivo nos perímetros urbanos seja um empecilho que limita o cultivo de vegetais e os residentes da área rural têm contato mais estreito com plantas e desenvolvem maneiras diversas de aplicação desses recursos. Esse contraste entre o ambiente urbano e o rural destaca a importância de se criar iniciativas que promovam o cultivo urbano, como

programas e oficinas que auxiliem tanto na correta identificação das plantas medicinais quanto no seu uso sob orientação de profissionais da saúde (Goularte et al., 2021).

Segundo Maués (2002) a pajelança cabocla é uma identidade das populações rurais da Amazônia, sendo entendida como uma crença em seres encantados e sua incorporação em pessoas; é uma das formas de medicina local mais requisitada, mesmo entre aqueles que possuem acesso aos serviços biomédicos. Desta maneira, embora os moradores da zona urbana conheçam as plantas e os benefícios à saúde, os da zona rural enxergam esta questão como uma necessidade e urgência pela eficácia.

Não houve grande diferença do nível entendimento sobre doenças culturais, as plantas e a cura entre os moradores naturais de Vigia e os nascidos em outros municípios, tais como Belém, Bragança, Castanhal, Curuçá, Santa Izabel e outros. Entretanto, a Religião influenciou na percepção acerca das doenças culturais, plantas e cura. No que diz respeito às doenças culturais, ocorreu diferença marcante entre católicos e evangélicos, e o entendimento dos católicos se equiparou ao dos umbandistas e dos que se autodenominaram sem religião (Figura 4). Esta postura relaciona-se à crença quanto a existência de doenças que apenas pessoas experientes no assunto podem curar.

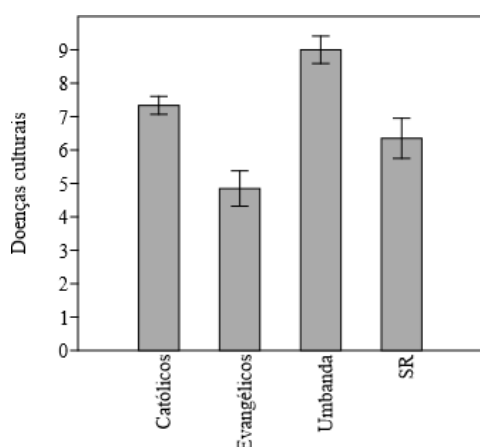


Figura 4. Diferença sobre o conhecimento quanto às doenças culturais em relação à religião. Fonte: Autores.

O reconhecimento da existência de doenças culturais implicava também na aceitação de que haveriam pessoas especializadas para curá-las. O traço cultural amazônida com as religiões e Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.

religiosidade engloba outras crenças e práticas que se fundem às católicas e moldam a religião das pessoas de fé. Para Reis e Pereira (2020), o catolicismo popular se constitui em uma filosofia de vida na Amazônia e as pessoas se autodeclararam católicas, mas, ao mesmo tempo (dependendo do contexto de vida), participaram de cerimônias afro-brasileiras. Entre os religiosos evangélicos este vínculo não foi observado, e os entrevistados que se filiarem a essa religião abandonaram suas condutas passadas por considerarem como sinônimo de maldade, charlatanismo entre outros conceitos pejorativos.

De acordo com Freitas Neves (2022), o antagonismo de religiões evangélicas para com as religiões afro-brasileiras se embasa em certos pilares, tais como, a identificação das divindades deste último panteão como demônios; o receio de uma libertação e a consequente conversão de um número maior de adeptos e a crença da veracidade da existência de orixás, caboclos e pombas-gira que submeteriam a população a sacrifícios e sofrimentos desnecessários. Assim é imprescindível esclarecer a diversidade das religiões afro-brasileiras, mostrando suas nomenclaturas plurais, como Terreiros de Candomblé, Mina, Umbanda, Xangô, Jurema, que estão presentes nas grandes cidades.

Do conhecimento sobre as plantas, houve diferença significativa entre os católicos e os evangélicos, sendo que o entendimento dos católicos não se diferencia dos umbandistas e dos que se dizem sem religião. A visão sobre as plantas dos evangélicos é distinta igualmente entre os católicos e umbandistas (Figura 5).

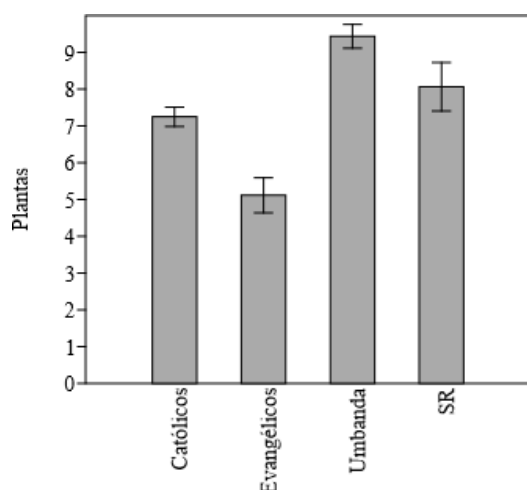


Figura 5. Diferença quanto ao conhecimento sobre as plantas considerando a religião. Fonte: Autores.

Ao ignorarem os fundamentos das religiões de influência africanas, os entrevistados evangélicos bloqueiam qualquer diálogo mais esclarecedor e demonizam os símbolos que remetessem à essas religiões, incluindo as plantas de poder. Chegaram a afirmar que apesar de algumas dessas plantas existirem em seus quintais, como espada de são jorge, comigo ninguém pode e tajá, estas não tinham qualquer significado, uma vez que a igreja já tinha dado as respostas que desejadas.

Na compreensão da cura, os umbandistas têm um maior conhecimento dentre todos. Houve distinção entre os católicos e os evangélicos, mas não houve divergência entre católicos e os que dizem sem religião (Figura 6).

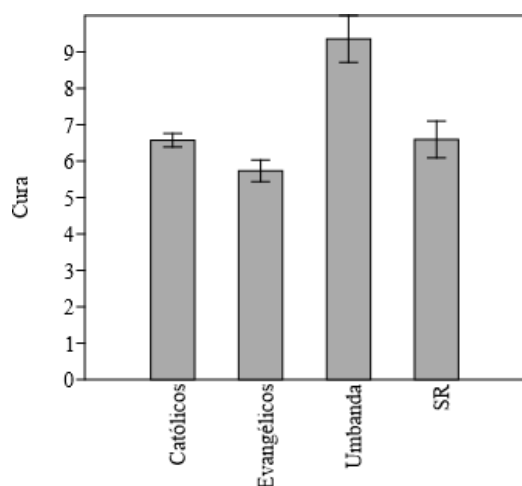


Figura 6. Diferença em relação ao conhecimento sobre a cura considerando a religião. Fonte: Autores.

A cura é uma questão central nos cultos afro-brasileiros, uma vez que esta possui distintas dimensões, podendo ser de caráter físico, espiritual e simbólico, e muitos dos que procuram buscam a *Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A.*

umbanda e o candomblé visando à resolução de problemas diretamente relacionados a doenças. Para Montero (1985) os limites entre a “doença material” e a “doença espiritual” são fluidos, pois tais discordâncias estão enraizadas por interpretações mágico-religiosas.

Para a Umbanda, Montero (1985) classificou dois grupos de doenças, aquelas provocadas pelo próprio indivíduo que podem se desenvolver por transgressões a doutrina, mau desenvolvimento e emprego da mediunidade e erro no rito de iniciação; e as doenças ocasionadas por terceiros que se originam da presença de espíritos maléficos, de energias negativas enviadas por terceiros (feitiço, macumba etc.) e doenças cármicas (reencarnação). Em Vigia, todas estas tipologias foram mencionadas em algum momento durante as entrevistas com adeptos da umbanda, assim como foram mencionadas várias histórias sobre cura, muitas das quais envolviam situações críticas que beiravam a morte, por essa razão o aspecto cura mostrou-se mais fortalecido entre os simpatizantes de tal religião.

Conclusão

Este estudo revelou a profunda interconexão entre as práticas culturais e religiosas da comunidade de Vigia e o uso das plantas de poder cultivadas em seus quintais. A pesquisa destacou que as plantas de poder desempenham um papel fundamental na manutenção da saúde física e espiritual, sendo integradas nas práticas religiosas que mesclam catolicismo, umbanda e saberes tradicionais. Essa integração não apenas reflete um sistema de cura que é central para a identidade cultural da comunidade, mas também revela como essas práticas contribuem para a harmonização e o equilíbrio do corpo e da mente dos indivíduos.

Os dados obtidos confirmam que as plantas de poder em Vigia não são meros ingredientes em práticas curativas, mas entidades com significado simbólico profundo, que são veneradas e respeitadas como fontes de energia e harmonização. A relação entre os especialistas e essas plantas demonstra uma interdependência vital para a saúde e o bem-estar da comunidade, revelando a importância de conservar e valorizar esses conhecimentos tradicionais.

Além de evidenciar a importância cultural e espiritual das plantas de poder, o estudo também trouxe à tona a vulnerabilidade dessas práticas diante das mudanças socioambientais. A crescente globalização, o avanço da agricultura industrial e a urbanização descontrolada têm pressionado os recursos naturais e alterado a organização dos quintais, comprometendo a capacidade das

comunidades tradicionais de manter suas práticas de cultivo e cura. Esse cenário de transformação pode levar à marginalização ou perda de conhecimentos valiosos sobre o uso das plantas medicinais, o que reforça a urgência de documentar e preservar essas práticas.

O estudo reforça a hipótese de que as plantas de poder não apenas sustentam práticas culturais e religiosas, mas também desempenham um papel essencial na promoção da saúde física e espiritual em contextos tradicionais. Esse entendimento é corroborado por estudos recentes que destacam a importância das plantas medicinais para o bem-estar em comunidades tradicionais e a vulnerabilidade dessas práticas frente à predominância de modelos biomédicos.

A pesquisa contribui para a preservação do patrimônio imaterial das comunidades tradicionais ao documentar e analisar as práticas associadas ao uso das plantas de poder. Além disso, ressalta a necessidade de fortalecer as políticas públicas que valorizem a medicina tradicional e os saberes populares, especialmente em um momento em que esses conhecimentos enfrentam ameaças significativas devido às transformações socioambientais.

Portanto, ao examinar as práticas de uso de plantas de poder em Vigia, este estudo não apenas amplia a compreensão das complexas interações entre cultura, medicina e meio ambiente na Amazônia, mas também reforça o debate sobre o papel das terapias tradicionais em sociedades contemporâneas. A preservação dessas práticas e o apoio a políticas que reconheçam seu valor são essenciais para garantir que esses saberes continuem a beneficiar as comunidades e a enriquecer o patrimônio cultural global.

Referências

- Abramovay, R., 2000. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2360>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- Albuquerque, M.B.B., Faro, M.C.S., 2012. Saberes de cura: um estudo sobre Pajelança Cabocla e mulheres pajés da Amazônia. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 5(13). DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v5i13.30252>
- Albuquerque, U.P., Cunha, L.V.F.C., Lucena, R.F.P., 2010. Métodos e Técnicas na

- Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. NUPEEA, 1. Coleção Estudos e Avanços: Recife/Pernambuco.
- Almeida, M.Z., 2011. Plantas medicinais (3a ed.). Salvador: EDUFBA.
- Amarili, N., Guarim Neto, G., 2008. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, 3, 329-341. ISSN 1981-8122.
- Araujo, A.A., Silva, M.G., Diniz, F.P.S., 2021. Paisagens e natureza na comunidade de Vigia: olhares sob novos sentidos e análises. *Brazilian Journal of Development*, 7, 7593-7604. DOI:10.34117/bjdv7n1-514
- Araújo, J.P., Lobo, L.C., Souza, R.D.C.B., Monteiro, A.X., Santos Melo, G.Z., Machado, R.D.C.F., 2023. Saberes e práticas tradicionais de saúde da população amazônica. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 13, 12220-12235. DOI:10.36489/saudecoletiva.2023v13i84p12220-12235
- Armijos, C., Cota, I., González, S., 2014. Traditional medicine applied by the Saraguro yachakkuna: a preliminary approach to the use of sacred and psychoactive plant species in the southern region of Ecuador. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 10. DOI: 10.1186/1746-4269-10-26
- Barbeta, P.A., 2008. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Barros, C.P., Sagica, V.S., 2021. Entre as (re) existências da cura xamânica na região amazônica e o cientificismo colonial: Um olhar discursivo sobre o silenciamento vivenciado pelos povos originários. *Percursos*, 22, 261-283. DOI:10.5965/1984724622482021261
- Barros, J.F.P., 2015. A floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas. Pallas Editora.
- Bertolini, G.R.F. 2004. Modelo de avaliação da percepção dos consumidores em relação aos produtos ecologicamente corretos. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - UFSC.

- Brandalise, L.T., 2008. A percepção do consumidor na Análise do Ciclo de Vida do produto: um modelo de apoio à gestão empresarial. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Cascavel.
- Bussmann, R.W., Paniagua Zambrana, Y.Z., Shikarulidze, S., Kikvidze, Z., Kikodze, D., 2016. Medicinal and Food Plants of Svaneti and Lechkhum, Sakartvelo (Republic of Georgia), Caucasus. *Journal of Medicinal and Aromatic Plants (Los Angel)*, 5. DOI:10.4172/2167-0412.1000266
- Canto de Gante, Á.G., Sosa González, W.E., Bautista Ortega, J., Escobar Castillo, J., Santillán Fernández, A., 2020. Escala de Likert: Una alternativa para elaborar e interpretar un instrumento de percepción social. *Revista de la alta tecnología y sociedad*, 12. <https://static1.squarespace.com/static/55564587e4b0d1d3fb1eda6b/t/5ffe0063b15beb25b917bec1/1610481763900/06+cantodegante+at+s+v12n1+38-45.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2023.
- Cascudo, L.C., 1967. *Tradição, ciência do povo*. São Paulo: Perspectiva.
- CBD, Convention on Biological Diversity, 2010. COP 5 Decision V/10: Global strategy for plant conservation. Recuperado de <http://www.cbd.int/decision/cop/?id=7152>
- Cordeiro, P., 2021. História da Vigia: Economia, escravidão e elite agrária (1652–1854). Parte I. 1ª ed. Ananindeua, PA: Cabana.
- Cruz, C.H.A., 2021. “Descer demônios”, plantas medicinais e venenos: Lições de pajelança e trocas culturais na Amazônia Colonial. In *História da educação na Amazônia colonial: instituições e práticas educativas* (p. 37).
- Da Costa, R.S.L., Tavares, V.V.A.V., Dourado, E.S., Lameira, Y.C., Américo, P.S., Santos, R.R., 2021. Uso de plantas medicinais por indivíduos de uma comunidade do Acre. *Research, Society and Development*, 10, e30610917968-e30610917968. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17968>
- De Mattos, S.M.N., De Oliveira, K.F., 2021. *Ecologia dos saberes: o etnoconhecimento sobre o uso das plantas medicinais do povo Paiter Suruí*. ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação, 3(Especial), 15-28.
- Domingues, A. S., 2021. Saberes e práticas de cura no rio Cupijó da Amazônia Paraense. *ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 15, 8-22.
- Eliade, M., 2008. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- Favacho, R.S.M., 2021. Entre narrativas e memórias: o caso do desaparecimento de santos em Vigia-PA. *Revista Comunicação Universitária*, 1. DOI: 10.69675/RCU.2763-7646.4858.
- Ferreira, L.R., Tavares-Martins, A.C.C., 2017. Química e etnofarmacologia de plantas místicas em uma comunidade amazônica. *Revista FITOS*, 10. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2446-4775.20160024>
- Fernandes, S.L.R., 2023. Plantas que curam: o saber tradicional de mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú - CE. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas em Saúde). Escola de Governo Fiocruz Brasília, Fundação Oswaldo Cruz, Brasília.
- Fleischer, S.R., 2007. Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Freitas Neves, F.A., 2022. Católicos e protestantes: As religiosidades em disputa na Amazônia oitocentista (1850-1888). *Revista NUPEM*, 14, 213-229. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2022.14.31.213-22>
- Galvão, E., 1976. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas (2a ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Gomes, N.S., Lima, J.P.S., 2017. Uso e comercialização de plantas medicinais em Humaitá, Amazonas. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 12, 19-31. <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/50020/38008>. Acesso em: 11 mai. 2023.
- Goulart, J., Santos, N.Q., Ziech, A.R.D., 2021. Plantas medicinais: Cultivo e conhecimento pela população urbana de Santa Helena/PR.

- Revista Brasileira Multidisciplinar, 24, 89-102. DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2021.v24i1.932>
- Gruca, M., Cámara-Leret, R., Macía, M.J., Balsleva, H., 2014. New categories for traditional medicine in the Economic Botany Data Collection Standard. *Journal of Ethnopharmacology*, 155, 1388–1392. DOI: 10.1016/j.jep.2014.06.047.
- Hammer, Ø., Harper, D.A.T., 2008. *Paleontological data analysis*. Hoboken: John Wiley e Sons.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. IBGE Cidades-município de Vigia.
- Labate, B.C., Goulart, S.L., 2005. O uso ritual das plantas de poder. FAPESP.
- Langdon, E.J.M., 2023. O conceito de cura e a eficácia performativa em rituais xamânicos. *GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia*, 8, e203502-e203502. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2023.203502>
- Likert, R., 1932. A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, Bethel Park, 140, 44-53. <https://psycnet.apa.org/record/1933-01885-001>. Acesso em: 11 mai. 2023.
- Lobato, G.J.M., Lucas, F.C.A., Moraes Junior, M.R., 2017. Estética, crenças e ambiência: as representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos de Abaetetuba-Pará. *Ambiência Guarapuava (PR)*, 13, 135-149. DOI:10.5935/ambiencia.2017.01.09
- Lorenzi, H., Matos, F.J.A., 2008. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas* (2a ed.). Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- Lucas, F.C.A., Gurgel, E.S.C., Lobato, G.J.M., 2017. Panorama dos estudos etnobotânicos na Amazônia: caminhos para reflexão. In F. C. A. Lucas, M. R. de M. Junior, L. Jérôme, R. Davidson, e J. da C. Junior (Eds.), *Natureza e sociedades – Estudos interdisciplinares sobre ambiente, cultura e religião na Amazônia* (pp. 17-42).
- Martins-da-Silva, R.C.V., da Silva, A.S.L., Fernandes, M.M., Margalho, L.F., 2014. Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica. *Embrapa Amazônia Oriental-Livro científico (ALICE)*.
- Maués, R.H., 2002. Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura no Movimento Carismático e na pajelança rural amazônica. *ILHA - Florianópolis*, 4, 51-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/artic/e/view/15120>. Acesso em: 4 set. 2023.
- Mesquita, U. O., Santos, J. A., Lucas, F. C. A. Meira, A.M.K., 2018. Mapeamentos sociais como ferramenta para discussão de políticas públicas para o reconhecimento formal de benzedeadas no Paraná. *Revista Inter Ação*, 43, 187-201. DOI:10.5216/ia.v43i1.45684
- Mesquita, U.O., de Araújo Lucas, F.C., de Medeiros Sarmiento, P.S., Junior, M.R.M., 2020. Plantas de poder: o uso da ayahuasca no Centro de Unificação Rosa Azul (CURA), Pará-Brasil. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, 20, 255-274. DOI:10.23925/1677-1222.2020vol20i2a17
- Minayo, M.C.S., 2011. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Miranda, T.G., Oliveira-Júnior, J.F., Martins-Junior, A.S., Tavares-Martins, A.C.C., 2016. O uso de plantas em quintais urbanos no bairro da Francilândia no município de Abaetetuba, Pará, Brasil. *Scientia Plena*, 12. DOI:10.14808/sci.plena.2016.069909
- Montero, P., 1985. *Da doença à desordem: a magia na Umbanda*. Rio de Janeiro: Graal.
- Mosquera, G., 2015. A África na arte da América Latina. *Arte e Ensaios*, 1, 156-171.
- Mourão, K.R.M., Pinheiro, L.A., Lucena, F., 2007. Organização social e aspectos técnicos da atividade pesqueira no município de Vigia-PA. *Boletim do Laboratório de Hidrobiologia*, 20, 39-52. *Boletim do Labohidro - v_20_2008.p65* (researchgate.net). Acesso em: 21 set. 2023.
- Neto, J.S., 2007. *Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional*. Universidade Federal do Amazonas.
- Nunes Cabral, C., 2022. Mulheres e suas práticas de curas Xingüara-PA: Uma análise a partir de gênero e memória. *Colóquio do Museu Pedagógico*, 14, 1913-1917. <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/10670/10475>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- Okoye, K., Hosseini, S., 2024. Mann–Whitney U Test and Kruskal–Wallis H Test Statistics in R. In *R Programming: Statistical Data Analysis in Research* (pp. 225-246). Singapore: Springer Nature Singapore.
- OMS. Organización Mundial de la Salud., 2002. *Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005*. Geneva: Organización Mundial de la Salud.
- Paracelso, I., 1981. *As Plantas Mágicas-Botânica Oculta*. Hemus.
- Pereira, K.C.S., Schlemmer Alcântara, L.C., Antonia Carnielo, M., 2023. *As plantas no*

- universo da fé e do bem viver. *Etnobiologia*, 21.
<https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A4%3A1807268/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A174452023&crl=c>
- Quintana, A.M., 1999. A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: EDUSC.
- Reis, M.V.F., Pereira, M.P.T., 2020. Perspectivismo ameríndio nos discursos mitificados do catolicismo popular na Amazônia. *Diálogos*, 24, 275-291. DOI: <https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i2.53663>
- Reyes-García, V., Guèze, M., Luz, A.C., Paneque-Gálvez, J., Macía, M.J., Orta-Martínez, M., Rubio-Campillo, X., 2013. Evidence of traditional knowledge loss among a contemporary indigenous society. *Evolution and Human Behavior*, 34, 249-257. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2013.03.002>
- Rosendahl, Z., 2002. Geografia da Religião: uma Proposição Temática. *GEOUSP*, (11), 9-19. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2002.123638>
- Rubem, E.G., Costa, R.A., 2023. “Eu te benzo, mas quem cura é Deus”: Benzimento e benzedores no município de Amaturá-AM. *Vivência: Revista de Antropologia*, 1. DOI: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2023v1n61ID27626>
- Sahr, W. D. (2012). O Mundo de São Jorge e Ogum: contribuição para uma geografia da religiosidade sincrética. In Z. Rosendahl e R. L. Corrêa (Eds.), *Geografia cultural: uma antologia* (Vol. 2, pp. 57-68). Rio de Janeiro: EdUERJ. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575114391>
- Santos, V.S., 2017. O imaginário amazônico na várzea parintinense e as narrativas do boto, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, Parintins.
- Silva, A.R., Buesa, C.B., 2022. O uso das plantas medicinais na Aldeia Amambai-Amambai-MS. In *Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)*, 6. <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/15951>
- Silva, Z.G.D., Leone, F.R., Cella, W., 2022. Conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais utilizadas por moradores de um município ribeirinho no interior do estado do Amazonas, Brasil. *Arq. ciências saúde UNIPAR*, 1-12. DOI:10.25110/arqsaude.v26i1.2022.8378
- Silveira, D.D.S., Albuquerque, M.B.B., 2015. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. *Revista COCAR*, Belém, 9, 255-284. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/713>. Acesso em: 2 jan. 2023.
- Souza, C.N.M., Jesus Silva, J.P., Santos, J.A., e Lucas, F.C.A., 2023. Plantas medicinais em quintais periurbanos: Espaços de valorização da biodiversidade em São Miguel do Guamá, Pará. *Interações (Campo Grande)*, 411-426. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v24i2.3490>
- Strachulski, J., Floriani, N., Silva, A.D.A., Maretto, L.C., Parintintin, S., 2021. O etnoconhecimento do povo Pykahu (Parintintin): a utilização de plantas e outros meios no processo de restabelecimento da saúde. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, 52. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.41807>